

# **FAMÍLIA E TRABALHO: UM ESTUDO COM MICRO-EMPRESÁRIOS DA CIDADE DE FRANCA-SP**

Gabriel Pogetti Junqueira – Uni-FACEF  
Profª Drª. Maria Zita Figueiredo Gera – Uni-FACEF

## Introdução

Ao olharmos para o mundo em que vivemos podemos detectar grandes mudanças sociais que vêm ocorrendo de uma forma brusca e desordenada; conseqüentemente a família está sofrendo transformações não somente na parte estrutural, mas também na forma como seus membros se relacionam. Essas mudanças se devem, em grande parte, ao avanço tecnológico, ao crescimento da industrialização e ao crescimento do capitalismo.

O trabalho exerce influência significativa na vida do trabalhador, influência que afeta toda sua família, e, nos dias atuais, junto com o ritmo frenético em que vivemos, isso acaba refletindo de modo significativo nas relações familiares, podendo, em muitos casos, prejudicar o desenvolvimento dos filhos.

Partindo do raciocínio de que a família é um grupo social muito importante na vida e na formação do indivíduo, fica evidente a importância de estudarmos como o trabalho interfere nas relações familiares do trabalhador e na vida dos seus filhos e, ao mesmo tempo, como a vida familiar interfere no trabalho. É preciso avaliar em que medida o trabalho afeta as relações de um dos grupos sociais mais importantes, para o desenvolvimento do ser humano.

Só assim os psicólogos poderão atuar de uma forma mais efetiva diante dessa problemática da realidade atual, particularmente a nossa. Acreditamos que o trabalho deve se constituir em uma plataforma que impulse o desenvolvimento pessoal e familiar e não apenas constituir-se em forma de subsistência.

Tendo em vista estas considerações, esta pesquisa, em andamento, tem os objetivos de: compreender o dia-a-dia de micro-empresários e suas famílias e mostrar como o trabalho está influenciando suas vidas, tanto pessoal quanto

suas relações familiares; identificar como esta questão se reflete no desenvolvimento de seus filhos e quais tipos de conseqüências essa relação pode gerar.

A importância da família.

É na família que absorvemos a cultura, regras de conduta e leis para que possamos conviver em sociedade, além de servir como porto seguro, onde conversamos com os familiares sobre coisas que nos afligem e encontramos energia para podermos enfrentar os desafios que encontramos em nosso dia-a-dia, de acordo com Carvalho e Almeida (2003):

A família é apontada como elemento-chave não apenas para a "sobrevivência" dos indivíduos, mas também para a proteção e a socialização de seus componentes, transmissão do capital cultural, do capital econômico e da propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre gerações (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 1).

Knobel (1992) fala: *“a família é um dos grupos primários e naturais de nossa sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver”*

Duvall ; Miller (apud, STANHOPE, 1999, p. 492-514) identificaram algumas funções da família, como: geradora de afeto; proporcionadora de segurança e aceitação pessoal; proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade; asseguradora da continuidade das relações; proporcionadora de estabilidade e socialização; impositora da autoridade e do sentimento do que é correcto (aprendizagem das regras e normas, direitos e obrigações características das sociedades humanas).

Fernandes (1995, p. 141) no livro *O trabalho no Brasil no limiar do século XXI* destaca que o papel da família *“vai muito além da simples coleta de recursos dos diversos membros e sua redistribuição eqüitativa”*.

Cada membro da família exerce um papel e tem suas funções dentro dessa estrutura social. Aqui, vale ressaltar o importante papel que os pais exercem na formação de seus filhos.

Içami Tiba (2002), em seu livro *Quem ama, educa!* também mostra a importante influência que os pais exercem na formação e desenvolvimento dos filhos.

A felicidade não se dá nem se vende. Cada humano precisa antes amadurecer para alcançar a felicidade. Os pais podem fornecer aos filhos a base para formar a felicidade, seja materialmente, oferecendo-lhes condições básicas de sobrevivência, seja psicologicamente, através de educação (TIBA, 2002, p. 72).

Mudanças na estrutura familiar.

A família não é formada por uma estrutura sólida e imutável, através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontra inserida, ela vem sofrendo algumas mudanças em sua estrutura e na forma como cada membro se posiciona frente a sua família.

Carvalho; Almeida (2003) apontam alguns fatores da estrutura familiar que mudaram com o passar do tempo.

Entre os fenômenos que traduzem as modificações na estrutura tradicional das famílias estariam:

- aumento da proporção de domicílios formados por "não-famílias", não apenas entre os idosos (viúvos), mas também entre adultos jovens que expressariam novo "individualismo";
- a redução do tamanho das famílias;
- a fragilização dos laços matrimoniais, com o crescimento das separações e dos divórcios;
- incremento da proporção de casais maduros sem filhos; e
- a multiplicação de arranjos que fogem ao padrão da típica família nuclear, sobretudo de famílias com apenas um dos pais, e em especial das chefiadas por mulheres sem cônjuge(...).

É preciso verificar ainda que a mudança nas estruturas familiares na direção de uma maior diversidade de tipos ou modelos não é em absoluto um processo novo(...) Como afirmou *The Economist* (2000), a família nuclear ideal talvez seja apenas "uma invenção moderna", "um fenômeno efêmero, que atingiu o auge na década de 50 (do século XX),

sustentado pela prosperidade do pós-Guerra, por um *baby boom* e pela difusão da cultura de massa (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 1-2).

Os referidos autores deixam bem claro que apesar de todas as mudanças ocorridas na família, sua importância não mudou.

Uma mudança que devemos ressaltar é a entrada das mulheres no mercado de trabalho. De acordo com Hahner (1990), na segunda metade do século XIX, abriram-se novas oportunidades de emprego na indústria nascente e na burocracia, e as mulheres passaram a ocupar uma parte desse mercado. Esta situação tem causado grande impacto na vida familiar.

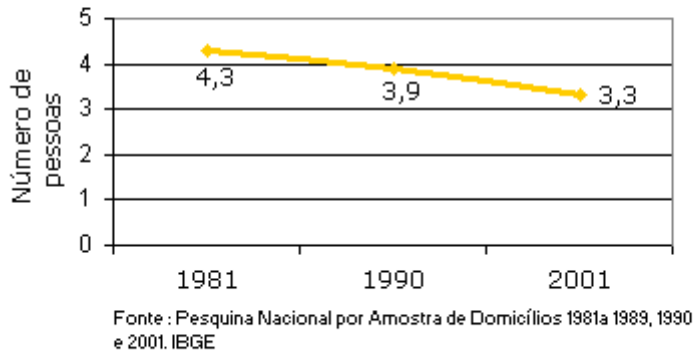
Lasch (1977) diz que a dinâmica interna familiar sofreu grandes mudanças e novos papéis foram prescritos, ampliando o da mulher e mãe. Suas conquistas no campo do trabalho, do sexo e da luta pela igualdade de condições foram fundamentais para essas alterações.

Castells (1999) confirma o que Lasch (1977) afirmou a algumas décadas, dizendo que a partir da década de 1980, concomitantemente com a globalização, foi generalizada a ampliação de mulheres em postos de trabalhos.

Como consequência dessa mudança de atividades das mulheres ocorre uma transformação na estrutura das famílias, tendo em vista que as mulheres passaram a dedicar mais tempo às suas carreiras e menos tempo cuidando de suas casas.

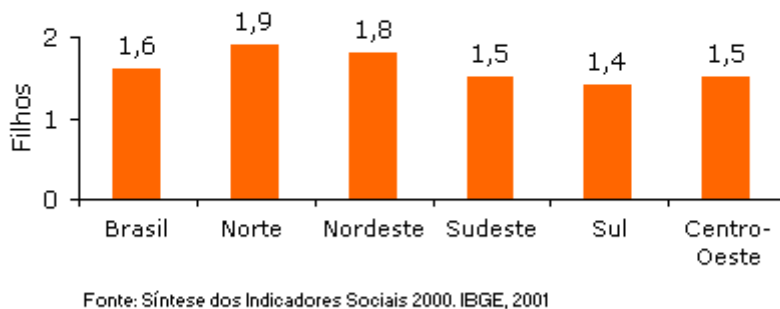
Outras mudanças na estrutura das famílias brasileiras, podem ser observadas através dos gráficos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apresentados a seguir. É a diminuição do número de pessoas por família e a queda de filhos por casal. O tamanho da família brasileira diminuiu em todas as regiões: de 4,3 pessoas por família em 1981, chegou a 3,3 pessoas em 2001, esses números podem ser vistos no Gráfico a seguir:

**Grafico 3**  
**Número médio de pessoas por família**  
**residentes em domicílios particulares**  
**Brasil 1981 - 2001**



O número médio de filhos por família no Brasil é de 1,6, porém na região Sudeste esse número cai para 1,5, como podemos constatar a seguir:

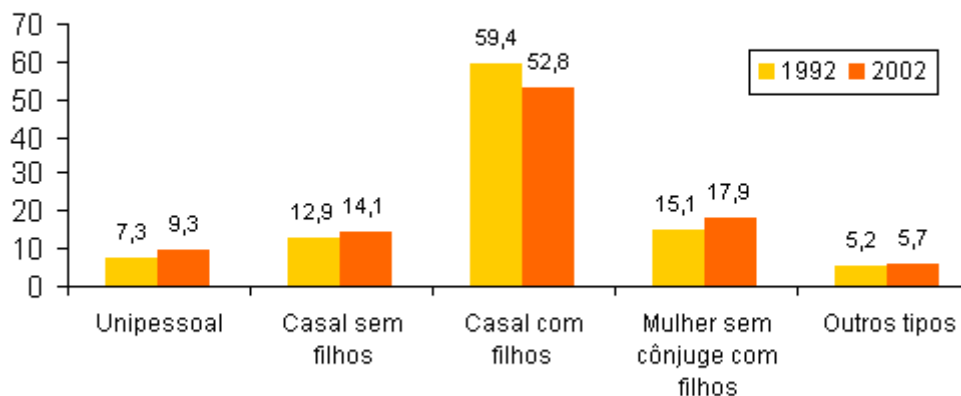
**Grafico 4**  
**Número médio de filhos por família ,**  
**residente em domicílio particular**  
**Brasil e Grandes Regiões 1999**



Outras mudanças também ocorreram referentes ao tipo de família em nosso país. De acordo com o Gráfico 5 chega-se à conclusão de que houve um aumento nas famílias sem filhos e no número de mulheres que cuidam dos

filhos sem os cônjuges. Por outro lado, o número de casais com filhos diminuiu, apesar desse arranjo familiar ainda predominar.

**Grafico 5**  
**Distribuição das famílias por tipo - Brasil - 1992-2002**



Fonte: IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2003 e IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2000.

Essas transformações, em grande parte, decorrem de mudanças que o mercado de trabalho e o meio social sofreram durante o transcorrer do tempo. De acordo com Minuchin (1980) a família e a sociedade se constituem reciprocamente, de forma que as mudanças ocorridas no mundo social afetam o domínio. Assim, as funções familiares podem ser alteradas de acordo com as mudanças imprimidas pelo sistema social.

Trabalho: interferências na vida do indivíduo.

Outro fator importante na vida do ser humano além da família é o trabalho. Durante toda a história, o trabalho esteve presente na vida humana, com diferentes sentidos. Ele é uma atividade que tem grande importância na vida do indivíduo, pois através dele as pessoas podem crescer, aprender, se sentirem úteis e produtivas dentro da sociedade. De acordo com Andrade (2004) *“O homem é um ser caracterizado como aquele que constrói sua vida em torno do trabalho”*.

Antunes (2000) destaca a importância do trabalho na vida do indivíduo, e de que forma ele pode ser fundamental na realização social da pessoa.

Se na formulação marxiana o trabalho é o ponto de partida do processo de humanização do ser social, também é verdade que, tal como se objetiva na sociedade capitalista, o trabalho é degradado e eviltado. Torna-se estranhado. O que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização no e pelo trabalho – é pervertido e depauperado. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência (ANTUNES, 2000, p. 125-126).

O trabalho garante muito mais que a sobrevivência de alguém e sua família, ele, de certa forma, traz um desenvolvimento muito grande para cada um, trazendo oportunidades de conhecerem novos horizontes que mais tarde elas possam explorar. Porém como Antunes (2000) já disse, na sociedade capitalista o trabalho muitas vezes é degradado e ele acaba se tornando uma ferramenta apenas para a subsistência.

Após a revolução industrial, ficou claro o grande avanço nas tecnologias, surgiu a internet, e as mudanças que o mundo passou a sofrer tomaram um ritmo jamais imaginado. Todo esse fenômeno da globalização exigiu que o mundo se adaptasse às mudanças muito rapidamente, assim a concorrência passa a ser cada vez mais feroz (capitalismo).

Dejours (1996), em *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações*, caracteriza bem a concorrência existente no capitalismo atual:

Sabemos há muito tempo que o desenvolvimento da atividade produtiva organiza-se de uma lógica na qual os jogos da concorrência econômica ocupam um lugar central. É comum considerar que, de uma forma geral, essa atividade trás para o homem e para a sociedade retornos favoráveis: pelo efeito de um aumento de consumo doméstico, e, além disso, de uma melhoria de conforto material  
Mas ao mesmo tempo a busca de melhores desempenhos produtivos gera na própria empresa problemas sociais e humanos que tem, por sua vez, conseqüência às vezes menos vantajosas sobre a vida comum e a saúde dos homens e mulheres que ela emprega (DEJOURS, in CHANLAT, 1996, p. 150).

Como consequência dessa concorrência frenética, vemos nascer em nossa sociedade pessoas estressadas, que não conseguem saborear os prazeres da vida, só pensando no trabalho.

Zamboni (2001), em *As interferências do trabalho na qualidade de vida: um estudo com executivos, empregados de uma empresa familiar de Franca*, constatou que 20% dos entrevistados em sua pesquisa acreditavam que o trabalho influenciava sua qualidade de vida de uma forma negativa. Outro ponto levantado pela pesquisadora é que grande parte dos entrevistados gastava mais tempo com sua vida profissional, em média 54 horas semanais, do que com outras atividades como a função de pai (em média 24,3 horas). De acordo com a pesquisa 80% dos sujeitos gostariam de dedicar mais do seu tempo à família.

Tanto Simmel (1976) quanto Sennett (1998) ressaltam o efeito desorientador que o capitalismo exerce na vida do indivíduo. Para Sennett (1998) as atuais transformações no setor produtivo estão originando perdas irreparáveis para a qualidade do convívio social das pessoas e consequentemente prejudicando os membros de suas famílias.

Pensando assim podemos afirmar que o trabalho pode influenciar as relações vividas dentro do âmbito familiar. Partindo da idéia de Henriques, Carneiro e Magalhães (2007) no texto *Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão*, conseguimos ver que a esfera do trabalho influencia a estrutura familiar.

O tema do trabalho é um importante recurso para a reflexão acerca do prolongamento da convivência familiar - a permanência dos filhos adultos na casa dos pais - pois uma das alegações da família em relação a este fato consiste na crise econômica e na instabilidade nesse domínio, levando-a a se mostrar como o lugar da confiança, dos laços sólidos e duráveis, do apoio, enfim de tudo que o mundo de fora não é. A esfera do trabalho e as mudanças paradigmáticas que a compõem na atualidade, associadas à incerteza e à insegurança, repercutem na vida em família e nos relacionamentos sociais (HENRIQUES, CARNEIRO; MAGALHÃES, 2007, p. 1).

Olhando o trecho de Dejours (1996), a seguir, vemos como o trabalho afeta a vida da pessoa e a vida de sua família, dessa forma, podendo até prejudicar o crescimento e o desenvolvimento de seus filhos e comprometendo a relação entre a pessoa que trabalha e o resto da família.

A repressão do funcionamento psíquico poderia ter conseqüências não só sobre o próprio trabalhador mas, fora da empresa, sobre pessoas próximas. Com efeito, o sujeito em estado de repressão psíquica mostra-se pouco inclinado a desempenhar um papel ativo na economia das relações familiares. Pior ainda, ele teme as solicitações afetivas que poderiam desestabilizar a repressão psíquica que lhe custou tanto estabelecer. O principal perigo é então representado não só pelo seu cônjuge e seus amigos, mas, principalmente, pelos seus próprios filhos. O trabalhador desliga-se deles como se desliga de seus amigos e se isola, preferindo a solidão à vida social comum. As crianças sobretudo quando são pequenas, estão, ao contrário, inteiramente voltadas para a atividade lúdica e as interações fantasmáticas.

Ao voltar para casa, o trabalhador dificilmente suporta as brincadeiras das crianças e menos ainda as expressões de sofrimento infantil. Intolerante, ele reage frequentemente com violências contra seus filhos, que não podem ajudá-lo de forma melhor do que se curvando ao silêncio e à imobilidade (DEJOURS in: CHANLAT, 1996, p. 163-164).

Todos esses pontos que viemos salientando no decorrer do trabalho nos mostra como a vida, não só da pessoa trabalhadora, mas também de seus familiares, pode ser afetada pelas exigências que sua vida profissional lhe impõe. Se as pessoas não se conscientizarem de que é preciso haver um equilíbrio entre a esfera do trabalho e da família iremos continuar nos deparando com famílias desestruturadas e pessoas que não conseguem cumprir com seus papéis na família e no trabalho.

A pesquisa

Trata-se de uma pesquisa exploratória. De acordo com Gil em seu livro *Projetos de pesquisa* (1991) a pesquisa exploratória tem como objetivo principal, proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tentando torná-lo mais explícito. Gil (1991) acrescenta que esse tipo de pesquisa tem uma maior flexibilidade no seu planejamento e que na maioria dos casos envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que já têm experiência com o problema estudado.

A coleta dos dados foi feita através de entrevistas pessoais que constituíram uma técnica apropriada aos objetivos propostos e foram aplicadas aos micro-empresários e aos membros de suas famílias. De acordo com Kerlinger (1979), fica claro que a entrevista é importante em uma pesquisa e porque ela deve ser usada:

Uma entrevista consome tempo e é cara. Algumas vezes é o único meio de se obter a informação necessária para uma pesquisa. E tem certas vantagens que outros métodos não têm. O entrevistador pode, por exemplo, depois de fazer uma pergunta geral, sondar as razões das respostas dadas. Uma das grandes vantagens da entrevista é, então, sua profundidade. Os pesquisadores podem ir mais abaixo da superfície das respostas, determinando razões, motivos e atitudes (KERLINGER, 1979, p. 350).

Os dados coletados na pesquisa estão sendo analisados, tendo em vista que se trata de uma pesquisa em andamento. Para tal está sendo utilizada a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1988), levando em consideração as bases teóricas levantadas. Dentre as categorias de análise optamos apresentar nesse artigo alguns dados sobre duas delas: a) relevância do trabalho na vida da pessoa b) o dia – a – dia dos indivíduos, um ritmo de vida intenso.

Quanto a relevância do trabalho na vida da pessoa os dados nos mostram que a maioria dos sujeitos dão muito valor ao trabalho no sentido do trabalho ser fonte de recursos para a sobrevivência da família. O pai e a mãe da primeira família entrevistada relatam respectivamente:

P1: “[O trabalho] *É muito importante, é da fábrica que conseguimos tudo que temos hoje, se não fosse esse trabalho eu não conseguiria dar nada para minha família.*”

M1: “*Acho que [o trabalho] é importante, quando começamos nossa família não tínhamos muita coisa, com a fábrica conseguimos construir algo e dar uma boa formação para nosso filho.*”

O pai da família número três também relata:

P3:” *Eu preciso trabalhar para poder dar alguma coisa para minha família. Não posso pensar só em mim, existem outras pessoas que contam comigo.*”

A mãe da segunda família entrevistada dá ênfase na importância do trabalho na hora de pagar as contas de casa:

M2: “*Era necessário. Precisávamos trabalhar....o que eu podia fazer?! Não podia deixar de ajudar na hora de pagar as contas, por isso me sacrificava da forma que me sacrifiquei!*”

Através dos relatos podemos perceber como é visto a importância do trabalho para alguns dos entrevistados.

Ao analisarmos o dia-a-dia dos sujeitos entrevistados veremos que grande parte deles leva ou já levou uma vida muito agitada, fato decorrente dos seus respectivos trabalhos. Ao ser questionado sobre seu ritmo de vida o pai da terceira família comenta:

P3: “*Hoje eu acordo muito cedo, corro o dia todo, chego em casa praticamente acabado! Afinal, tenho minha própria empresa agora, é diferente de ser empregado que mesmo não vendendo no final do mês o salário vem... E ainda preciso cumprir com minhas obrigações de pai e marido.*”

O pai da família número quatro, assim como o pai da terceira, leva um ritmo de vida intenso:

*P4: “Veja bem, hoje mantenho dois empregos porque além da fábrica eu presto consultoria financeira para algumas empresas. Meu tempo é muito pequeno. Chego em casa cansado, as vezes tenho que ficar desenvolvendo material para alguma apresentação.”*

Um relato que chama a atenção entre os entrevistados é do pai da segunda família, que já está aposentado e reflete sobre seu ritmo de sua vida quando trabalhava:

*P2: “Agora meu ritmo diminuiu muito, a um tempo atrás era bem mais puxado, acordava cedo, trabalhava o dia todo, quando precisava viajava para atender cliente... Trabalhar com prazo pra entregar as coisas complica, você acaba tendo que apertar a produção para poder cumpri-los. As vezes chegava mais tarde em casa...”*

*“Quando eles [filhos] eram mais novos eu trabalhava muito, minha esposa também....Eles faziam atividades o dia inteirinho pra preencher a tarde após a escola [risos], e agora que estou mais velho... com a empresa já estruturada, eles estão crescidos e quase que independentes, quase não param em casa para conversarmos [pausa]. Irônico isso né?!Quando eles eram novos era difícil arrumar tempo, agora que tenho tempo eles que não tem tempo....”*

Os dados recolhidos levam a crer que a presente pesquisa caminha para a obtenção dos objetivos propostos. Até agora pode se perceber que os sujeitos dão muito valor no seu trabalho, e paralelamente a isso se constata que eles levam um ritmo de vida muito intenso devido ao trabalho, o que muitas vezes pode ser um fator que prejudica a dinâmica familiar.

## Referências

ANDRADE, Roberto Coelho Villela de. **Gerenciando pessoas**: qualidade de vida dos professores de uma instituição de ensino superior. Franca: Uni-FACEF, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70 ed. São Paulo: Lisboa, 1988.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, Inaiá Maria de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. **Família e proteção social**. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)>. Acessado em: 23 de Abril de 2007.

DEJOURS, Christopher. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean – François (ORG). **O indivíduo na organização** : dimensões esquecidas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

FERNANDES, Reynaldo (ORG). **O trabalho no Brasil no limiar do século XXI**. São Paulo-. LTr, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Projeto de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HAHNER, June E. **Emancipating the female sex, the struggle for women's rights in Brazil: 1850-1940**. Durham, NC: Duke University Press., 1990.

HENRIQUES, Celia R.; CARNEIRO, Terezinha F.; MAGALHÃES, Andréa S. **Trabalho e família**: o prolongamento da convivência familiar em questão. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-)

[863X2006000300004&lng=pt&nrm=iso>](#). Acessado em: 12 de novembro de 2007.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!**. 120 ed. São Paulo: Gente, 2002.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. 6 ed. São Paulo: E.P.U., 1979.

KNOBEL, Mauricio. **Orientação familiar**. Campinas: Papirus, 1992.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração: a família, santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1991.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas., 1982.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras. 1988.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Em: VELHO, O. G., (Org.), **O fenômeno urbano**.(pp.90-113). Rio de Janeiro: Zahar.1976.

STANHOPE, Márcia. Teorias e desenvolvimento familiar. In STANHOPE, Marcia ; LANCASTER, Jeanette. **Enfermagem Comunitária: promoção de saúde de grupos, famílias e indivíduos**. Lisboa : Lusociência, 1999.

ZAMBONI, Vânia Lemos. **As interferências do trabalho na qualidade de vida: um estudo com executivos, empregados de uma empresa familiar de Franca**. Dissertação (Mestrado). Uni-FACEF, Franca, 2001.